

RELAÇÃO ENTRE SUJEITO, ÉTICA E EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DE EDGAR MORIN

RELATIONSHIP BETWEEN SUBJECT, ETHICS AND EDUCATION IN THE THOUGHT OF EDGAR MORIN

Juliano Sistherenn¹

Departamento de Ensino, Pesquisa, Pós-Graduação, Inovação e
Extensão do IFPA - Instituto Federal do Pará - Campus Marabá Industrial,
Marabá, PA, 68505100, Brasil

Resumo: Nesse artigo iremos tratar da relação entre sujeito, ética e educação no pensamento de Edgar Morin. Teremos como base principal de nossa pesquisa bibliográfica as seguintes obras do autor: *O método 2: a vida da vida*; *O método 6: ética*; *Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação*. Inicialmente veremos como a concepção moriniana de sujeito, segundo a qual o *eu* pode oscilar entre o egoísmo e o altruísmo, aparece como fundamento da obra do autor. Na sequência apresentaremos alguns aspectos da ética de Morin e, por fim, veremos algumas proposições educacionais onde Morin busca fazer uma relação entre a autonomia e o altruísmo do sujeito humano. Concluiremos destacando que as proposições éticas e educacionais do autor têm por base a ideia de um sujeito, literalmente, identificado com a vida.

Palavras-chave: Sujeito. Ética. Educação. Autonomia. Altruísmo.

Abstract: In this article we will deal with the relationship between subject, ethics and education in the thought of Edgar Morin. We will have as the main basis of our bibliographical research the following works by the author: *Method 2: the life of life*; *Method 6: ethics*; *Teaching to live: manifesto to change education*. Initially, we will see how the Morinian conception of the subject, according to which the self can oscillate between selfishness and altruism, appears as the foundation of the author's work. Next, we will present some aspects of Morin's ethics and, finally, we will see some educational propositions where Morin seeks to establish a relationship between the autonomy and altruism of the human subject. We will conclude by highlighting that the author's ethical and educational propositions are based on the idea of a subject literally identified with life.

Keywords: Subject. Ethic. Education. Autonomy. Altruism.

1. Introdução

Para tratarmos da ética e da educação no pensamento de Edgar Morin, precisamos recorrer a sua noção biológica de sujeito, que é desenvolvida, sobretudo na obra *O método 2: a vida da vida*. Pois, é desde o mundo da vida (biológica) que o autor funda seu pensamento e desenvolve grande parte de sua obra, o que inclui *O método 6: ética*, bem como as obras que tratam especificamente da

¹ Doutorando em Educação pela UFPE. Professor de Filosofia no Instituto Federal do Pará, Campus Marabá Industrial. E-MAIL: juliano.s83@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6228-1819>
Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 29, n. 1, p. 59-77, 2023. ISSN: 2448-0215.
Dossiê Temático: "Ética e prática educativa"
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>
DOI: <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2023.256852>

educação, como, por exemplo, uma que é, sugestivamente, intitulada *Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação*.

Na primeira parte de nosso artigo iremos ver como tanto a autonomia quanto o altruísmo estão integrados na noção moriniana de sujeito. Falando especificamente do ser humano, veremos como o sujeito autônomo, autorreferente, egocêntrico, pode fazer suas opções éticas e oscilar entre o egoísmo e o altruísmo. Além disso, apresentaremos a ideia de que um mesmo sujeito pode desenvolver personalidades diversas.

Na segunda parte veremos alguns aspectos da ética de Morin, dando destaque para a ideia de que o *outro* e o *eco* estão incluídos no próprio sujeito humano. E, a partir dessa ideia, a auto-ética pode se tornar também uma ética do reconhecimento do outro, uma ética de abertura altruísta.

Na terceira parte apresentaremos duas proposições que Morin faz para a educação: *Ensinar a compreensão humana* e *Ensinar a viver*. Na primeira encontramos, explicitamente, a relação entre a autonomia e alteridade do sujeito humano, pois, segundo o autor, a compreensão humana só pode se dar na relação intersubjetiva; na segunda proposição, que integra a primeira, destacamos a ideia que o autor desenvolve a respeito da relação entre a prosa e a poesia da vida.

Por fim, concluímos nosso artigo dizendo que a relação entre autonomia e altruísmo, bem como as proposições que Morin faz para a ética e para a educação estão fundamentadas na noção biológica de sujeito, a qual identifica o sujeito com a vida. Especificamente falando do sujeito humano, a cultura também integra essa noção. Trata-se, então, de como o sujeito biocultural está na base daquilo que Morin propõe para a ética e para a educação de um ser autônomo, que pode ser tanto egoísta quanto altruísta.

2. O sujeito moriniano: entre o egoísmo e o altruísmo

Antes de falarmos sobre egoísmo e altruísmo, queremos dizer que sujeito, para Morin, é todo ser capaz de auto-organização. Como o autor entende que todos os seres vivos, e apenas os seres vivos, são plenamente capazes de auto-organização, apenas e todos os seres vivos são sujeitos. Assim, a noção de sujeito de Morin inclui os vegetais e animais de todas as espécies, até mesmo os unicelulares. E é com base na ideia de auto-organização da vida que a autonomia é constitutiva do sujeito moriniano, pois o autor entende que um ser vivo só deixa de ser autônomo quando ele deixar de ser vivo e, portanto, deixar de ser sujeito.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 29, n. 1, p. 59-77, 2023. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: "Ética e prática educativa"

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

DOI: <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2023.256852>



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Então, com base em sua noção biológica de sujeito, Morin é enfático na defesa da autonomia da vida, ao ponto de se aproximar da ideia do sujeito solipsista da filosofia moderna, com a significativa diferença de que a sua noção de sujeito não se limita aos humanos, mas se estende para todos os seres vivos. Nas palavras do autor

Nada é mais solitário, fechado que um sujeito. Este tende naturalmente para o solipsismo: *solus ipse*. Só ele mesmo conta, existe. Ele é o Único para ele, só ele ocupa o espaço do *computo*. É o centro do seu universo. Conhece do mundo exterior apenas aquilo que traduz em informações para ele na sua própria linguagem. O seu aparelho computante está em uma câmara blindada, elaborando a tradução de mensagens das quais nunca conhecerá a língua (MORIN, 2015, p.305).

A ideia de *computo* é colocada por Morin em oposição da ideia do *cogito* cartesiano. Pois enquanto o sujeito cartesiano se identifica com o pensamento e a consciência própria do humano, o sujeito moriniano se identifica com a computação biológica, própria de todo ser vivo, que faz parte inclusive do humano. Trata-se de uma espécie de cálculo que qualquer ser precisa fazer para viver. Inclusive o *cogito* espiritual/mental precisa do *computo* cerebral para se realizar na forma de pensamento, de linguagem.

Então, o sujeito moriniano é um ser computante, auto-organizador, egocêntrico, que, por um lado, é um ser fechado, que computa por si, para si, em defesa de si. Mas, por outro lado, Morin também defende a ideia de que o sujeito é extremamente dependente, pois ele não se origina e nem vive sem o outro. No sujeito está incluído a sua espécie e o seu ambiente, que, por sua vez, estão incluídos nele. Assim, ao mesmo tempo que é fechado, o sujeito é também aberto ao outro, mesmo não tendo acesso direto a ele, pois o acesso ao outro é sempre mediado pelas possibilidades e limites do sujeito.

Segundo Morin, o fechamento e a abertura do sujeito dão através de uma dupla identidade presente em todo ser vivo: uma identidade egoísta e a outra ecológica ou (ego)altruísta. Contudo, essa dupla identidade não elimina a unidade do ser vivo que “[...] se afirma, por um lado, por egorreferência e egocentrismo, por outro lado, por referência a uma herança anterior vinda de outra parte, usada e utilizada por outras vidas, produzida e reproduzida por outras gerações” (MORIN, 2015, p.196).

Além da necessidade do outro para que a sua própria vida se origine, o sujeito tem a necessidade do outro e do ambiente para viver a sua própria vida. Assim, até por uma questão de sobrevivência, o sujeito precisa abrir-se ao outro e ao mundo. Além disso, o *cosmos*, a *physis* e o *bios* estão integrados em todo e cada indivíduo vivo. Existe um parentesco que, naturalmente, identifica o sujeito (que é originado da *physis* e composto por ela) e os demais seres. Por isso, o sujeito não é apenas autorreferente e auto-organizado, mas também auto-exo-referente, auto-eco-organizado.

Então, a abertura ao outro, segundo Morin, não é apenas uma questão de sobrevivência egoísta, mas é algo que faz parte da natureza e da história evolutiva do sujeito. O outro está presente na estrutura genética do sujeito, desde o momento de sua concepção. “É o alter ego virtual do interior que permite a identificação com o alter ego real do exterior e a inclusão no circuito da sua própria identidade subjetiva” (MORIN, 2015, p.305).

É com base na ideia de que o outro mora na estrutura ontológica do sujeito, que Morin entende que o sujeito egocêntrico é, ao mesmo tempo, egoísta e altruísta. No centro do mundo do sujeito, além da ipseidade, está também sua identidade com o *cosmos*, com o mundo vivo, com o *genos* da espécie e, no caso do sujeito humano, com a cultura da qual ele faz parte, e que também é parte dele.

“Eu é um outro”; a brilhante fórmula de Rimbaud é válida para todo o ser vivo, particularmente o unicelular”. Existe sempre, na identidade una do indivíduo-sujeito, a presença de um alter ego e de uma “estrutura-outrem” virtuais. A autoprodução celular cria, a partir de uma identidade una e indivisível, uma dupla identidade (dois seres semelhantes) e uma alteridade (dois sujeitos diferentes), mantendo a identidade original (o mesmo ser continua a mesma vida em duas existências. Os dois novos seres são dois ego alter, virtualmente alter ego um para o outro, e podem tornar-se estranhos, fraternais ou fraticidas (MORIN, 2015, p.300).

Assim, tanto a inclusão quanto a exclusão do outro fazem parte da vida do sujeito. Morin recorre a biologia para dizer que a noção de *autos* se desdobra em *idem* e *ipse*, em *genos* e *fenon*. E, então, o sujeito, que é um ser auto-organizacional, se identifica com o outro, mas também se diferencia dele. Se, por um lado, através da identificação egoaltruísta, o outro vive no sujeito, e o sujeito, inclusive, pode dedicar sua vida ao outro. Por outro lado, pela sua diferenciação egoísta, o sujeito vive por si, para si e em função mesmo, mesmo que a consequência disso seja a morte do outro. Diz Morin, “[...] temos todos, em nós, este duplo princípio que pode ser diferentemente

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 29, n. 1, p. 59-77, 2023. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: "Ética e prática educativa"

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

DOI: <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2023.256852>



modulado, distribuído; ou seja, o sujeito oscila entre o egoísmo absoluto e a devoção absoluta” (MORIN, 2010, p.122).

Morin trata do egoísmo e do altruísmo como metáfora de um duplo programa (duplo princípio) que está instalado na própria natureza do sujeito. Falando especificamente do sujeito humano, o autor diz que esse duplo programa, egoísta e altruísta, também pode ser uma metáfora para falar do lugar onde se encontram o *isso* e o *superego* freudiano: enquanto o *isso* manifesta o egoísmo e o *superego* a manifestação altruísmo, o *ego* oscila entre um e outro (MORIN, 2015).

O egoísmo está presente também na ideia cartesiana de sujeito autocentrado e o altruísmo se encontra, por exemplo, na noção de sujeito de Levinás, que considera o outro como *totalmente outro*. Morin diz que tanto a noção de sujeito de Descartes e de Husserl, que valoriza mais o *eu*, quanto a noção de sujeito de Levinas, que valoriza mais o *outro*, estão presentes e, ao mesmo tempo, superadas em sua noção biológica de um sujeito egocêntrico que pode oscilar entre o egoísmo e o altruísmo (MORIN, 2012).

Segundo Morin, o duplo programa, egoísta e altruísta, inscrito na natureza humana está presente em cada indivíduo, desde o início da vida de cada ser. O ser humano unicelular, célula-ovo, formado a partir de um gameta feminino e um gameta masculino, já tem em si o outro e a necessidade do outro e, também, já tem em si aquilo que o diferencia do outro e garante sua própria existência como ser vivo: a capacidade de auto-organização e de autodefesa, que, no extremo do egoísmo, pode desejar até mesmo a morte do outro. Por isso, diz o autor:

Os complexos de Caim, Rômulo, Édipo, mergulham nas profundezas ontológicas primeiras do princípio de exclusão que funda a qualidade do sujeito. Nesse sentido, todo ser vivo traz potencialmente não só a “morte do outro” (de onde a luta, a predação, a manducação generalizada no âmago da natureza), mas também o assassinio do filho, do pai, do irmão. Inversamente, a mesma qualidade de sujeito traz consigo a potencialidade do sacrifício pelos seus; pais, filhos, esposa, irmã, irmão, horda, clã (MORIN, 2015, p.196).

Porém, o egoísmo é facilmente perceptível em todos os seres vivos, que são seres computantes por si, para si, em defesa de si. Mas, o altruísmo nem sempre se manifesta claramente. Então, o altruísmo seria algo secundário? Para Morin, não.

Primário é o duplo programa: o outro já se encontra no âmago do sujeito. O princípio de inclusão está na origem, como no filhote que sai do ovo e segue sua

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 29, n. 1, p. 59-77, 2023. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: "Ética e prática educativa"

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

DOI: <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2023.256852>



mãe. O outro é uma necessidade interna confirmada pelas recentes pesquisas sobre o apego entre os recém-nascidos e entre as crianças (MORIN, 2012, p.77).

Os exemplos são diversos: a alteridade está enraizada na concepção biológica do sujeito humano, a qual, na maioria das vezes, se dá pelo encontro de dois seres que, natural e culturalmente², buscam um pelo outro. Assim, a inclusão do outro em nossa subjetividade é algo próprio da natureza humana, que reclama pelo outro, do qual temos a mesma origem cósmica, física e biológica. Contudo, o sujeito, enquanto um ser egocêntrico, desde o centro de seu próprio mundo, pode tanto excluir quanto incluir o outro. Isso porque o centro do mundo do sujeito moriniano é um lugar que pode ser ocupado de diversas formas.

O eu [moi] – o ego é uma posição a ocupar. É o centro do meu mundo, porém, essa posição posso ocupá-la com interesses mesquinhos e egoístas, com ideias simplistas e concepções estreitas, um eu [moi] limitado. Posso também ocupá-la com um eu [moi] aberto e generoso, inquieto, indagador. Em lugar do eu [moi] particular, posso colocar um nós, minha família, meus amigos, a humanidade, e dar ao meu interesse pelos outros a força do meu egocentrismo (TELLEZ, 2013, p.195).

Pelo princípio de exclusão do outro, o sujeito garante sua singularidade. Essa singularidade é algo universal nos sujeitos: todos podem dizer *eu*, mas ninguém pode dizer *eu* no lugar do outro. Pelo princípio de inclusão, o sujeito altruísta também é capaz de incluir o outro, colocando-o no centro de seu mundo. Pois somos sujeitos não apenas quando dizemos *Eu*, mas também quando dizemos *Meu*, *Nós*, *Nossos*. Então, “[...] posso introduzir, em minha subjetividade e minhas finalidades, os meus, meus parentes, meus filhos, minha família, minha pátria. Posso incluir em minha subjetividade aquela (aquele) que amo e dedicar meu “Eu” ao amor, seja à pessoa amada, seja à pátria comum” (MORIN, 2010, p.122).

Nos extremos, o sujeito humano altruísta pode chegar ao ponto de doar a própria vida pelo outro, enquanto o sujeito egoísta pode matar o outro em função de si. Mas o sujeito também pode oscilar entre um princípio e outro. Ao falar sobre essa bipolaridade do sujeito humano, inspirado por

²“Como não ver que o mais biológico – o nascimento, o sexo, a morte – é, ao mesmo tempo, o mais impregnado de símbolos e de cultura? Nascer, morrer, casar-se são também atos religiosos e cívicos. Nossas atividades biológicas mais elementares, como comer, beber, dormir, defecar, acasalar-se, estão estreitamente ligadas a normas, interdições, valores, símbolos, mitos, ritos, prescrições, tabus, ou seja, ao que há de mais estritamente cultural. Nossas atividades mais espirituais (refletir, meditar) estão ligadas ao cérebro, e as mais estéticas (cantar, dançar) estão ligadas ao corpo. O cérebro, pelo qual pensamos, a boca, pela qual falamos, a mão, com a qual escrevemos, são totalmente biológicos e, ao mesmo tempo, culturais” (MORIN, 2012, p.53).

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 29, n. 1, p. 59-77, 2023. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: "Ética e prática educativa"

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

DOI: <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2023.256852>

Hegel, Morin diz: “Quando o Eu domina, o Nós é recessivo. Quando o Nós domina, o Eu é recessivo” (MORIN, 2012, p.76). Porém, permanecendo no centro de seu mundo, o sujeito nunca deixa de ser ele mesmo, independente da abertura ou do fechamento em relação ao outro. O ser humano é sujeito mesmo quando pensa ser livre e, no fundo, é assujeitado internamente por um Mito, um Deus, uma Ideia. Aliás, diz o autor:

As astúcias da sujeição humana vão servir-se das máscaras da identidade genética: é em virtude do princípio do pai (autoridade do Estado, do chefe), do princípio da mãe (amor à pátria), do princípio fraterno (dedicação ao interesse coletivo) que as piores sujeições nos agarram, nos controlam, nos manipulam, e no entanto, julgamos obedecer à voz interior da nossa própria identidade, ao amor natural pelos nossos (MORIN, 2015, p.198).

Contudo, a permanência do sujeito no centro de seu próprio mundo, apesar das sujeições e das oscilações que o fazem passar de um estado mais egoísta para outro mais altruísta, e vice-versa, não significa que o sujeito seja sempre o mesmo. Ao contrário, a permanência do sujeito é mudança, assim como em Heráclito, que é um dos principais filósofos que inspiram o pensamento de Morin (MORIN, 2014). A permanência do sujeito também está submetida ao processo de ordem-desordem-interação-reorganização, que se faz presente tanto no mundo físico quanto no mundo vivo. Ou seja, o sujeito muda a todo momento ao ponto de ser capaz, inclusive, de mudar de personalidade.

Apoiado em MacLean, Morin diz que o cérebro humano é *triúnico*: tem a herança do cérebro réptil, mais impulsivo; do cérebro mamífero, mais afetivo; e do cérebro sapiens, mais racional. Os três cérebros são como que personalidades diferentes que ocupam nossa subjetividade em momentos diferentes, sem hierarquia. A dupla personalidade teria aí uma explicação. Além disso, Morin diz que um Eu pode ter muitos *egos*, o que se manifesta nas diversas personalidades de um mesmo sujeito.

O Eu/Ego é como o átomo: uma unidade aparentemente simples, irreduzível, primária; um sistema muito complexo, múltiplo e contraditório cujo núcleo também é complexo. A multipersonalidade nos é invisível porque a unidade do Eu a oculta. A unidade do indivíduo não deve ocultar a sua multiplicidade interna nem esta ocultar a sua unidade. Cabe decompor a concepção monista, plena, substancial do sujeito individual e recompor a complexidade de sua unidade. O Eu une a heterogeneidade do Ego. No fervilhar, no múltiplo, no diverso, no anônimo, o Eu emerge sem parar. Unificador de uma multiplicidade formidável e de uma

totalidade multidimensional. Sim, existem vários *Ego* em uma pessoa, mas eles quase não se frequentam e são ligados por um Eu único (MORIN, 2012, p.94).

Crítico da concepção monista, do sujeito determinado, Morin é enfático na defesa da ideia de que o sujeito pode mudar. No entanto, um sujeito egoísta tende a despertar personalidades mais fechadas, enquanto um sujeito altruísta geralmente manifesta personalidades mais abertas, mas isso não os define para sempre. Mudanças físicas e/ou psíquicas também podem alterar a personalidade. É o caso, por exemplo, de pessoas que sofrem alguma alteração no cérebro, ou pessoas com transtorno bipolar. Por mais que exista uma personalidade dominante no sujeito, em determinado momento da vida isso pode mudar, outras personalidades podem dominar.

Em um mesmo dia, personagens diferentes de um mesmo sujeito atuam na vida familiar, na relação com os amigos, no mundo do trabalho, na política... “Papéis sociais são personalidades estereotipadas, embaixadoras do Ego junto aos outros, mas também imagens do Ego junto a si mesmo. Alguns papéis, muito introjetados, comportam remodelações de personalidade” (MORIN, 2012, p.90-91). Mudanças de humor também podem significar mudanças de personalidade, mas essas personalidades dificilmente se comunicam, pois elas são muito diferentes umas das outras. “Um rosto é um teatro onde atuam múltiplos atores. Uma vida também. Cada um enfrenta descontinuidades pessoais na sua caminhada contínua” (MORIN, 2012, p.94-95).

Morin descreve um grande número de exemplos para mostrar como múltiplas personalidades estão presentes em nós, mesmo que elas nem sempre aflorem, ou seja, inúmeras personalidades podem permanecer em nós apenas como potencialidade/virtualidade. Um desses exemplos é do ator que encarna a personalidade de diversas pessoas como se fossem suas. A mimese (a menina e o menino que imitam a mãe e o pai, por exemplo) e as possessões (teatrais, religiosas) também são exemplos disso. Ou então, no sonho, onde criamos personagens originais ou ressuscitamos “[...] impecavelmente a personalidade física e psíquica dos sonhados. Por meio de nós, eles falam com suas vozes, pensam com seus pensamentos, o que revela a extraordinária e misteriosa força da união da mimese e da possessão” (MORIN, 2012, p.92). Para concluir essa ideia, diz o autor:

Enfim, não esqueçamos que permanece em nós um fervilhar de personalidades em estado larvar que não conseguem se cristalizar, personalidades imaginárias de nossas fantasias que são como ectoplasmas do nosso Ego. Carregamos nessas fantasias personalidades potenciais dementes, sublimes, maniaco sexuais,

salvadores da humanidade que, feliz ou infelizmente, não chegam a tomar consistência em nossas vidas (MORIN, 2012, p.92-93).

Sendo assim, supondo que Morin esteja certo nessa apresentação que fizemos sobre a ideia do duplo programa e da multipersonalidade do sujeito, fazemos alguns questionamentos: Como a educação pode nos tornar mais ou menos altruístas? A educação pode, intencionalmente, proporcionar mudanças de personalidades? Se sim, esse é um processo mais coletivo ou mais individual?

Caso a educação, enquanto ensino, não tenha tanto poder para mudar o sujeito, teria ela a função de dar a conhecer as diversas personalidades? Esse dar a conhecer poderia funcionar de forma semelhante a análise psicanalítica? Ou seja, seria uma forma de dar condições para que a autoeducação aconteça? Sabendo de suas potencialidades, o sujeito pode escolher uma personalidade para si? O sujeito, individualmente, tem poder para isso? Se sim, de que forma? Ou são as circunstâncias, os acasos, o ambiente... que criam as personalidades dominantes e dão condições, eventualmente, de mudar de personalidade? Nesse sentido, o sujeito humano é sujeito de sua própria personalidade? Ou algo ou alguém lhe determinou?

Na obra de Morin, não encontramos respostas diretas/simples para esses questionamentos. Por mais que o autor aposte na autonomia do indivíduo humano e na autoeducação, ele sabe que os processos de transformação do ser humano ganham corpo na coletividade. No contexto mais amplo do pensamento de Morin, sabemos que o autor está propondo uma reforma do pensamento que seja capaz de se constituir em um paradigma de religação, o qual facilitaria o desenvolvimento da solidariedade e do altruísmo, que são constitutivos do sujeito humano. Esse paradigma também criaria melhores condições para o desenvolvimento de personalidades mais altruístas.

Porém, dentro dos limites desse artigo, não iremos tratar diretamente da reforma do pensamento e tampouco do paradigma moriniano. Na parte final desse artigo veremos ainda como as ideias de ‘ensinar a compreensão humana’ e ‘ensinar a viver’, que são duas das proposições que Morin faz para a educação, têm a pretensão de colaborar para a abertura ética do sujeito humano.

3. Ética: para resistir a barbárie³

³“O sentido que eu dou, enfim, à ética, caso seja necessário um termo que englobe todos os seus aspectos, é o de resistência à crueldade do mundo e à barbárie humana. A resistência à crueldade do mundo compreende a resistência ao que há de destrutor e de impiedoso na natureza; a resistência a barbárie humana é a resistência à crueldade do *sapiens* e Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 29, n. 1, p. 59-77, 2023. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: "Ética e prática educativa"

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

DOI: <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2023.256852>

Morin desenvolve a sua ética a partir de sua noção biológica de sujeito. O autor afirma isso, literalmente, logo na abertura de sua obra *O método 6: ética*, quando diz: “Aqui eu me refiro à concepção de sujeito, elaborada por mim, que vale para todo ser vivo” (MORIN, 2017, p.19). E, com base nessa noção, o autor diz que a ética se apresenta como um dever que se origina na interioridade humana.

Como vimos anteriormente, a interioridade humana inclui também a sociedade e espécie humana, bem como a relação ecológica, biofísica, cósmica. Morin entende que a compreensão dessa dimensão da subjetividade humana, que não se fecha em si mesma, é fundamental para o desenvolvimento de uma ética que possa contribuir tanto para o indivíduo quanto para a sociedade e para espécie humana, bem como para a vida na Terra (Biosfera).

Um detalhe interessante é que Morin parte de uma ética do indivíduo-sujeito, e não dos princípios instituídos pela religião, pela família ou por qualquer outra instituição. Essa aposta em uma ética do indivíduo se dá em função das diversas crises de fundamentos (religioso, científico, comunitário, familiar, entre outros) que levaram a um individualismo ético, onde as decisões dependem cada vez mais das escolhas de cada indivíduo.

Já vimos que o sujeito humano tanto pode se fechar no seu egoísmo quanto se abrir, maneira altruísta, a tudo o que está a sua volta. Nesse contexto, Morin, diz que “O problema ético contemporâneo, atualmente, vem do fato de que tudo, na civilização ocidental, tende a favorecer o nosso “programa” egocêntrico, enquanto nosso programa altruísta ou comunitário permanece subdesenvolvido” (MORIN, 2017, p.174). Mas o autor também acredita que a crise das instituições tradicionais da cultura ocidental pode suscitar uma auto-ética, uma ética onde nós, enquanto indivíduos, somos responsáveis por nossas ações. Ao mesmo tempo, a consciência de que outro está presente em nossa subjetividade pode nos ajudar na abertura altruísta. Nesse sentido, para nos abirmos ao outro, é importante compreendermos a nós mesmos. O exercício da auto-observação, o reconhecimento do egocentrismo e a autocrítica podem contribuir para isso.

Morin diz que as crises podem despertar o que temos de melhor e o que temos de pior. O que temos de melhor são as forças de religação, é o abraço, a fraternidade, o amor, a abertura ao outro. O que temos de pior são as forças de destruição, de separação. As forças de separação estão presentes

ao lado mal do *demens*. Esse *sapiens* que exterminou o Neandertal da Europa. O mesmo *sapiens* que exterminou os índios da América, os aborígenes da Austrália e criou a escravidão [...]” (MORIN, 2017, p.199).

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 29, n. 1, p. 59-77, 2023. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: "Ética e prática educativa"

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

DOI: <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2023.256852>



tanto no cosmos quanto na sociedade e no indivíduo, e são mais fortes do que as forças de religião. Mas dependemos dessas forças fracas para lutar contra a barbárie humana. Lembrando sempre que a barbárie não está apenas nos outros, ela também mora em nós.

A barbárie está em nós. Os nossos espíritos são profundamente bárbaros (esse é o grande ensinamento de Freud, embora enunciado em outros termos). A nossa civilização alicerça-se na barbárie (como percebeu Walter Benjamin). A resistência à crueldade do mundo e a resistência a barbárie humana são as duas faces da ética, cuja primeira exigência é de não ser cruel e não ser bárbaro (MORIN, 2017, p.200).

Outro problema da ética, para Morin, é aquilo que ele chama de *ecologia da ação*: após realizar uma ação, perdemos o controle sobre ela, não sabemos o seu resultado e nem se terá algum resultado, sobretudo, a longo prazo. Uma ação realizada hoje pode ter um efeito contrário ao que pretendíamos. Amanhã, talvez, precisaremos agir de outra forma. Por isso, não existem formulas ou programas predefinidos para nossas ações, precisamos desenvolver estratégias e fazer apostas, tendo em vista as circunstâncias e os contextos.

Aliás, os contextos e as circunstâncias podem decidir o rumo da existência do sujeito humano, tanto para o bem quanto para o mal. Potencialidades adormecidas podem ser despertadas, sobretudo, em contextos de crise. Uma escolha, em determinado momento de nova vida, pode ser algo que vai influenciar toda nossa vida futura. Existe aí um princípio de incerteza: a intenção pode ser boa e ação má; ou, ao contrário, a intenção pode ser má e ação ser benéfica. Para Morin, “Nenhuma ação tem a garantia de seguir o rumo da sua intenção” (MORIN, 2017, p.46), mas os rumos de nossas ações também não são completamente aleatórios, “[...] a análise do contexto onde deve realizar-se a ação, o conhecimento da *ecologia da ação*, o reconhecimento das incertezas [...], a prática da autoanálise, a escolha refletida de uma decisão, a consciência da aposta” (MORIN, 2017, p.56), tudo isso pode nos ajudar a desenvolver estratégias para fazer nossas apostas.

Outros problemas que nos defrontamos na ética é a contradição. Por exemplo, pergunta Morin: “Até que ponto se deve tolerar aquilo que pode destruir a tolerância?” (E o autor complementa:) “Quando a democracia está em perigo, a tolerância pode tornar-se suicida” (MORIN, 2017, p.48). Essa pergunta se aplica, com frequência, às questões políticas, onde a resistência pode conter elementos de terror. Porém, Morin diz que quando o terrorismo “[...] se torna o componente essencial, então a degradação moral do opressor entrou na alma do resistente” (MORIN, 2017, p.82).

Esse é o cuidado que devemos ter para que a indignação, sem reflexão, não tome conta de nós, pois quando isso acontece temos a tendência de reduzir o outro a sua pior parte.

Um exemplo dessa redução do outro àquilo que ele tem de pior, é considerar alguém que cometeu um crime como um criminoso perpétuo, como se o crime cometido resumisse toda sua vida. É uma redução porque a pessoa que cometeu um crime também realizou muitas outras coisas, mas o pensamento fragmentado tende a ver uma parte como se aquilo fosse o todo. Por isso, Morin, com base em Pascal, defende uma ética do pensamento, onde a parte deve se relacionar com o todo, sem que ela deixe de ser uma parte.

Falando sobre as possibilidades éticas que a crise proporciona, Morin retoma a sua ideia das multipersonalidade que existem no humano, as quais tanto podem ser reprimidas quanto desenvolvidas. Uma pessoa que se torna um grande líder em um momento de crise, se estivesse vivendo em outra época, outro contexto, em circunstâncias de normalidade, poderia ter uma função bem menos notável. Os contextos e a adesão ou não a alguma ideia pode despertar o que temos de melhor ou de pior. As guerras na família, na academia, nos grupos de trabalho, são pequenas amostras do potencial destrutivo que mora em nós. Em tempos de crise, esse potencial pode vim à tona com mais força.

Com base nisso, Morin diz que a *compreensão humana* deveria fazer parte de todo processo educativo. O autor entende que essa compreensão está presente em nós, ela se revela, por exemplo, na leitura de um romance, ou quando estamos assistindo um filme. Por exemplo, “Quando estamos no cinema [...] Somos capazes de compreender e amar o vagabundo Carlito, que desprezamos ao encontrar na rua [...] Sentimos compaixão pelos presidiários, embora, longe das telas, só vejamos neles criminosos punidos justamente” (MORIN, 2017, p.113). Mas o autor diz que “Compreender o assassino não significa tolerar o crime que ele comete” (MORIN, 2017, p.121). Compreender o fanático não significa deixar ele agir livremente, nem o livrar da condenação, mas reconhecer sua humanidade. Segundo o autor, a compreensão humana, enquanto potencial, está em todos nós, mas ela precisa ser desenvolvida. E a educação tem um papel fundamental nisso, conforme veremos adiante.

Além da compreensão humana, o perdão é outro elemento importante da ética de Morin. O perdão é uma aposta de quem acredita na humanidade do outro, na mudança de quem cometeu algum mal e está arrependido. Mas não é apenas o arrependimento que abre portas ao perdão. O próprio

perdão pode levar ao arrependimento, pode dar condições para aquele que cometeu um crime tomar consciência daquilo que fez. No entanto, diz o autor, “Nossos atos éticos podem voltar-se contra nós, inclusive o perdão, esse é o risco de qualquer iniciativa humana na ecologia da ação” (MORIN, 2017, p.129).

Na obra *Noventa e três*, de Vitor Hugo, “[...] um pobre camponês salva um chefe contrarrevolucionário [...] que, em seguida, manda fuzilar três mulheres. O camponês lamenta a boa ação e faz esta maravilhosa pergunta? “Então uma boa ação pode ser uma má ação?”” (MORIN, 2017, p.129). Não sabemos as consequências de nossas ações, nem mesmo do perdão, mas ele é uma aposta ética. No entanto, “[...] num certo limite, como a tortura e o assassinato de uma criança, o perdão perde o sentido. A punição é irrisória, o perdão, impensável” (MORIN, 2017, p.131). Continua Morin,

Seria incongruente pedir a uma vítima que comece perdoando, mas eu gostaria de convencê-la de que a punição não lhe é necessária. Os humilhados, os odiados, as vítimas, não devem transformar-se nos que humilham, odeiam, oprimem. Eis o imperativo ético. Resta o caráter atroz do mal que se situa além do perdão e de todo o castigo, o mal que não cessa de devastar a história da humanidade (MORIN, 2017, p.132-133).

Morin conclui essa ideia dizendo que, quando o perdão é esquecido, nossa barbárie interior aumenta. Segundo ele, “Se cada um de nós soubesse que carrega um terrível potencial de morte, deixaria de ver aquele que já matou como radicalmente um estranho ou um monstro; dar-lhe-ia uma chance de mudar” (MORIN, 2017, p.133). Acreditando na possibilidade de mudança do ser humano, a partir do potencial criador que está em cada um de nós, Morin tem esperança na criação de uma nova humanidade. Ele afirma que “A esperança sabe que o inesperado pode acontecer e que, na história, o improvável aconteceu com mais frequência que o provável” (MORIN, 2017, p.195). A criação de um mundo melhor, que muitas vezes parece impossível, pode vir daquilo que é mais frágil, que é a bondade humana, que se manifesta a todo o momento, conosco mesmos e ao nosso redor;

As forças de religação, que se manifestam na amizade, no amor, na fraternidade, na solidariedade são frágeis, mas precisam ser cultivadas, são elas que dão sentido à vida humana, e são elas que poderão criar uma nova humanidade. E, mesmo que o mal não desapareça e possa até mesmo triunfar, é preciso resistir a partir das forças fracas de religação que constituem o sujeito

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 29, n. 1, p. 59-77, 2023. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: "Ética e prática educativa"

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

DOI: <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2023.256852>



humano. Por isso, Morin conclui sua obra *O método 6: ética*, da seguinte forma: “Ame o frágil e o perecível, pois o mais precioso, o melhor, inclusive a consciência, a beleza, (e) a alma, são frágeis e perecíveis” (MORIN, 2017, p.203). Entendemos que é nesse contexto ético, fundamentado na noção biológica de sujeito, que as proposições educacionais de Morin ganham mais sentido.

4. A compreensão humana e vida prosaica, poética e ética

Para Morin, existem dois tipos de compreensão, uma é aquela que se dá a nível de intelecto, ou seja, está mais ligada ao *cogito*. Esse tipo de compreensão pode se dar pela explicação de algo a alguém. É o caso, por exemplo, de alguém que durante um curso de graduação foi apresentado a várias teorias, compreendeu algumas integralmente, outras compreendeu parcialmente, outras ainda compreendeu erroneamente, ou simplesmente não as compreendeu. Independentemente da forma que o sujeito compreendido, ou não compreendido, essas teorias. Essa compreensão, que tem sentido intelectual, não necessariamente implica na ação do sujeito em direção daquilo que ele compreende ou deixa de compreender.

Diferentemente da compreensão intelectual, Morin diz que a *compreensão humana*, exige a compreensão do que o outro está vivendo, por isso, ela “[...] implica uma parte subjetiva irreduzível. Essa compreensão é ao mesmo tempo meio e fim da comunicação humana” (MORIN, 2015a, p.73). Nesse caso, não basta explicar para entender, faz-se necessário uma identificação intersubjetiva.

Há um conhecimento que é compreensível e está fundado sobre a comunicação e a empatia – simpatia, mesmo – intersubjetivas. Assim, compreendo as lágrimas, o sorriso, o riso, o medo, a cólera, ao ver o *ego alter* como *alter ego*, por minha capacidade de experimentar os mesmos sentimentos que ele. A partir daí, compreender comporta um processo de identificação e projeção de sujeito a sujeito. Se vejo uma criança em prantos, vou compreendê-la não pela medição do grau de salinidade de suas lágrimas, mas por identificá-la comigo e identificar-me com ela. A compreensão, sempre intersubjetiva, necessita de abertura e generosidade (MORIN, 2010, p.93).

Nesse sentido, o sujeito está implicado no conhecimento compreensivo a ponto de se identificar (*idem*) com o outro, mas isso não significa que o outro se torna Eu, ao contrário, ele permanece outro (*ego alter*). Segundo Morin, essa identificação acontece pelo fato que o outro faz parte da mesma natureza humana.

Sempre intersubjetiva, a compreensão humana requer abertura para o outro, empatia, simpatia. Próximo ou distante, essa compreensão reconhece o outro simultaneamente como semelhante a si mesmo e diferente de si mesmo: semelhante a si mesmo por sua humanidade, diferente de si mesmo por sua singularidade pessoal e/ou cultural. O reconhecimento da qualidade humana do outro constitui uma pré-condição indispensável a qualquer compreensão (MORIN, 2015a, p.73-74).

Essa compreensão do outro como semelhante e diferente é inseparável do conhecimento de si. Segundo o autor, “O que é necessário ensinar e aprender é exatamente isso: saber se distanciar⁴, saber se objetivar, saber se aceitar, saber meditar, refletir” (MORIN, 2015, p.38-39). Esse, então, deveria ser o processo educativo da consciência autocrítica, a qual permite compreender o outro também como um sujeito que pertence a mesma espécie, que vive na mesma sociedade, que partilha da mesma condição humana, apesar da *ipseidade* de cada indivíduo. Por isso, no âmbito educacional, Morin propõe que,

Literatura, poesia, cinema, psicologia, filosofia deveriam convergir para tornar-se escolas da compreensão. A ética da compreensão humana constitui, sem dúvida, uma exigência chave de nossos tempos de incompreensão generalizada: vivemos em um mundo de incompreensão entre estranhos, mas também entre membros de uma mesma sociedade, de uma mesma família, entre parceiros de um casal, entre filhos e pais [...] É a partir da compreensão (não necessariamente da explicação) que se pode lutar contra o ódio e a exclusão (MORIN, 2010, p.51).

Segundo Morin, o ensino da compreensão humana tem um sentido ético e pode ser uma aliada na luta contra a barbárie, ao passo que a incompreensão pode ser uma de suas causas. O autor diz que “A incompreensão traz em si os germes da morte” (MORIN, 2015a, P.75). Por isso, ensinar a viver é também ensinar a compreender. Mas essa ideia só faz sentido quando a compreensão não se limita ao aspecto intelectual e alcança o mundo vivencial do sujeito humano.

Quando o contrário acontece, “A conjunção das duas incompreensões, intelectual e humana, constitui o maior obstáculo para nossas inteligências e para nossas vidas” (MORIN, 2015a, p.74). Pois nossas vidas sempre estão entrelaçadas com a vida do outro. Em todos os âmbitos da vida humana a incompreensão causa muitos sofrimentos e dificulta o viver. O sujeito incompreendido tende a sobreviver sem poder desfrutar propriamente da vida.

4 “Esse distanciamento pode ser entendido de forma direta, como em Montaigne. Ele consiste em se enxergar como objeto, sabendo que se é sujeito, em se descobrir, se examinar, se autocriticar (MORIN, 2015, p.38-39).

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 29, n. 1, p. 59-77, 2023. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “Ética e prática educativa”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

DOI: <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2023.256852>

Sobreviver é sobre-viver, ser privado das alegrias que a vida pode trazer, satisfazer com dificuldade as necessidades elementares e alimentares, não poder desenvolver suas aptidões individuais. Viver, em oposição a sobreviver, significa poder desenvolver suas próprias qualidades e aptidões (MORIN, 2015a, p.28/29).

O desenvolvimento das aptidões humanas estão para além daquilo que é próprio da racionalidade humana. Por isso, Morin nunca caracteriza o humano apenas como *sapiens*, mas usa a expressão *sapiens-demens*. Combatendo os reducionismos, o autor também diz que o ser humano não vive apenas prosaicamente, mas também poeticamente, no sentido que a prosa remete para as necessidades básicas e as obrigações do dia a dia, enquanto a poesia diz das alegrias, dos prazeres, dos amores.

No entanto, por fatores diversos, como por exemplo a privação que muitas pessoas tem daquilo que é básico para viver, ou a corrida de alguns para ter cada vez mais, a prosa parece estar ganhando cada vez mais espaço na vida das pessoas. Por isso, Morin defende que a poesia da vida deve ocupar um lugar de destaque na educação que pretende *ensinar a viver*, pois o humano privado de poesia não tem vida e pode nem mesmo conseguir sobreviver: “[...] o ser humano vive sua vida de alternância de prosa e de poesia, em que a privação de poesia é tão fatal quanto a privação de pão” (MORIN, 2012, p.141).

Contudo, Morin diz que um estado puramente poético é insustentável para o humano, da mesmo forma que uma vida puramente prosaica é insuportável, pois a vida humana se constitui de prosa e poesia. Mas como a poesia da vida foi deixada de lado, especialmente na educação, o autor defende a ideia de que a vida poética ocupe cada vez mais espaço nos ambientes educacionais. Porém, isso contraria os interesses econômicos que aceleram o ritmo do mundo humano contemporâneo, criam uma cultura onde a poesia da vida passa a ser entendida como perda de tempo e de dinheiro. E essa cultura é imposta, sobretudo, para aqueles que não têm tempo livre e nem dinheiro. E é também por interesses econômicos que essa cultura capitalista se torna conteúdo da educação, a qual defende a ideia de que a verdade está na prosa, enquanto a poesia da vida é vista como passatempo e até mesmo como perda de tempo.

Tudo o que não está submetido ao estrito princípio de economia e de eficácia. A poesia, a arte, que podem ser toleradas ou mantida como divertimento, não

poderiam ter valor de conhecimento e de verdade, e encontra-se rejeitado [...] tudo o que é amor, dor, humor... (MORIN, 2013, p.167-168).

Chamamos atenção para a ideia de que, implicitamente, o autor está reivindicando um valor de verdade também para a compreensão humana e para a vida poética, as quais estão no plano da vida e para além da racionalidade humana.

5. Conclusão

Ao longo de nosso artigo vimos que existe uma relação de fundamentação entre a noção biológica de sujeito de Morin e suas proposições éticas e educacionais. Essa relação tem por base a autonomia, que é constitutiva do sujeito moriniano, o qual é entendido pelo autor como um ser auto-eco-organizacional. No prefixo *autos*, que inclui a identidade e a ipseidade do indivíduo, está suposta a autonomia do sujeito. Assim, tanto o sujeito egoísta quanto o sujeito altruísta é um ser autônomo, apesar de suas múltiplas dependências.

Para concluir nosso artigo queremos fazer referência a uma citação de Morin que acreditamos sintetizar muito daquilo que dissemos ao longo de nosso texto. Vamos a ela:

No decorrer da redação do segundo volume de *O método*, a noção de “sujeito” me surgiu não como algo ligado a consciência humana, mas como a própria condição de existir do ser vivo. Toda autoeco-organização viva implica um *computo*: uma computação de si para si que, por um lado, envolve os processos internos do organismo, por outro, os dados e acontecimentos do mundo exterior. Dessa forma, todo ser vivo, do unicelular à sequoia e ao homem, se autoafirma ao se colocar no centro de seu mundo, ou seja, de um modo literalmente egocêntrico. Esse egocentrismo o obriga a se alimentar, a se defender, a satisfazer suas necessidades e seus desejos. O que o levaria ao egocentrismo total se não existisse igualmente em todo sujeito vivo uma necessidade de religação com seu semelhante, de integração a uma comunidade, a um *nós*. Cada um de nós vive bipolarizado entre o *eu-sujeito* egocêntrico e o *nós* da integração comunitária. Precisei ainda de algum tempo para compreender que a aspiração humana essencial é a plenitude do *eu* na plenitude do *nós*. Essa compreensão tardia chegava como um reconhecimento retroativo de tudo o que inspirava e inspira a minha vida: o florescimento do meu *eu-sujeito* no *nós* da amizade, da fraternidade e do amor. O sentido de *O método* também é profundamente um sentido existencial e um sentido ético (MORIN, 2020, p.78).

Conforme dissemos desde a introdução, a relação entre autonomia e altruísmo, em Morin, integra a noção biológica de sujeito e é, portanto, praticamente incompreensível fora dessa noção.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 29, n. 1, p. 59-77, 2023. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: "Ética e prática educativa"

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

DOI: <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2023.256852>



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

Aliás, entendemos que é com base em sua noção de sujeito que o autor desenvolve (quase) toda a sua obra, o que inclui suas proposições éticas e educacionais.

Do ponto de vista da ética, vimos que Morin deixa muito claro que sua noção de sujeito é o ponto de partida fundamental para suas reflexões, onde altruísmo se dá a partir da autonomia do sujeito, que inclui em si o *outro* e o *eco*. O mesmo acontece com as proposições educacionais: é permanecendo *si* mesmo e mantendo sua *ipseidade* que o sujeito humano pode compreender o *outro*, justamente porque tem em *si* a possibilidade de se identificar (*idem*) com ele. É também porque o outro mora no sujeito que o bem viver, prosaica e poeticamente, não pode se realizar de maneira solipsista.

Antes de encerrarmos esse artigo queremos dizer que na maioria dos textos de Morin, por exemplo quando fala sobre a epistemologia complexa⁵, o autor tende a ser maleável com as palavras, até porque ele admite que a incerteza, o erro, a ilusão parasitam o próprio conhecimento humano. No entanto, quando fala sobre sujeito o autor muda até mesmo o tom da linguagem. Para exemplificar, vimos na citação acima que o sujeito humano tem uma aspiração *essencial*, que é que o florescimento de *si*, o que inclui o florescimento do outro. Sendo que isso é *tudo* o que inspirou e inspira a vida do autor. Assim, podemos concluir com o autor que, juntamente com o sentido de sua grande obra, também o sujeito moriniano é *profundamente* existencial e ético.

O peso das palavras *essencial*, *tudo* e *profundamente*, usadas para fazer referência ao sujeito não são apenas coincidência, descuido com a linguagem, ou algo semelhante. Isso ocorre na grande maioria das vezes que Morin fala sobre a sua noção biológica de sujeito. Assim, concluímos afirmando o seguinte: não apenas a relação entre autonomia e altruísmo, que constitui a própria noção de sujeito, mas também as proposições éticas e educacionais só fazem sentido a partir da noção moriniana de sujeito, que a nosso ver é ainda pouco explorada e explicitada.

REFERÊNCIAS

MORIN, Edgar. **A aventura de O Método e para uma racionalidade aberta**. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. São Paulo: Edições Sesc São Paulo. 2020.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. 5.ed. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2017.

⁵Nós, propositalmente, não abordamos a ideia complexidade, que salta aos olhos na leitura das obras de Morin, justamente porque estamos querendo chamar atenção para aquilo que está como pano de fundo no pensamento do autor. Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 29, n. 1, p. 59-77, 2023. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: "Ética e prática educativa"

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

DOI: <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2023.256852>

MORIN, Edgar. **O método 2: a vida da vida**. 5.ed. Trad. Marina Lobo. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação**. Trad. Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015a.

MORIN, Edgar. **Meus filósofos**. 2.ed. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perssi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2014.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 15.ed. Trad. Maria Alexandre e Maria Doria. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. 5.ed. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. Eloá Jacobina. 18.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

TELLEZ, J. O sujeito complexo. In. ALMEIDA, Maria da Conceição de; GALENO, Alex (Org.). **Ensaio de complexidade 3**. Natal, RN: EDUFRN, 2013.

Recebido em 06 de dezembro de 2023.

Aprovado em 10 de janeiro de 2023.